

Juazeiro do Norte, 7 -VII-1962

Meu velho e caro Fran,

soube que você está decidido e viajara em agosto. Terei o prazer de vê-lo antes? talvez não se for para a Bahia onde terei uma expo. Como devo reganhar a Europa em Setembro talvez nos cruzemos aí por esses caminhos do mundo sem nos avistarmos. De qualquer maneira ou em Fortaleza ou na França você contara sempre com minha amizade e dedicação. Disponha.

Sem que me tenha sido encomendado estou fazendo um trabalho para a Universidade. Mas precisamente para o Museu. Estou entrevistando fotografando e procurando estabelecer um resumo da obra dos santeiros e sobretudo dos gravadores de Juazeiro. Você bem pode apreciar a importância de um trabalho dessa natureza no tocante ao estudo da gravura popular campo virgem de um estudo preciso. Por isso estou procurando ser o mais cuidadoso possível na compilação de todos os elementos que possam servir de base aos futuros estudiosos da questão. Estou procurando um gravador de fita a pilha para tomar depoimentos. Estou fazendo fotografias.

Como a Universidade não é posta em causa, acho que não estou fazendo nenhum mau. Não há despesas e nem sequer invoquei uma só vez o nome da Universidade. O próximo passo que tenho necessidade de dar precisa porém contar com a permissão do Reitor. Não ouse escrever a ele diretamente, sabendo-o ocupado com assuntos de maior importância. Trata-se do seguinte plano a por em prática se o Museu quiser preservar por alguns anos e ainda a gravura popular. Os gravadores estão ficando velhos, muitos deixaram de gravar por falta de encomendas ou porque fazer cabos de revolver paga mais, como é o caso de mestre Nosa, um dos mais interessantes artistas da terra. Também os editores perderam o gosto pelo clichê de madeira. Dia-a-dia a zinco-gravura, reproduzindo imagens de mau gosto, ganha terreno. Fiz a alguns gravadores encomendas para mim pessoalmente, afim de sondar o campo. O resultado é bem positivo. Proponho que a Universidade me autorize encomendar trabalho a alguns gravadores. Precisaria dispor de uns cinquenta contos. Penso encomendar uma Via-Sacra (14 gravuras) e uma série de pranchas sobre a vida e morte de Lampeão que poderia atingir o número de 20 pranchas. Encomendarei pranchas avulsas e também um apocalipse. Penso que deve ser pago por essas pranchas um preço honesto e incentivador. Fixei-me a mil cruzeiros por peça. Os editores pagam entre Cr250, e Cr300, o que não é tentador. Pode ser que me engane mas vejo aí um meio de se poder fazer reviver a gravura popular. Trata-se agora de não interferir na obra dos artistas. As encomendas são feitas, o motivo escolhido as dimensões estabelecidas e a eles completa liberdade.

Não tenho coragem de escrever sobre esse assunto ao Prof. Martim Filho. Peço porém que você não somente converse com ele com se preciso for o influencie. A oportunidade é única. Estou com tudo na mão. Sou da terra, conheço o Carry como poucos e conto já nas mãos com elementos concretos.

Não precisa escrever uma longa carta em resposta. Um bilhete servirá. Receba um grande abraço de Anne e do seu velho